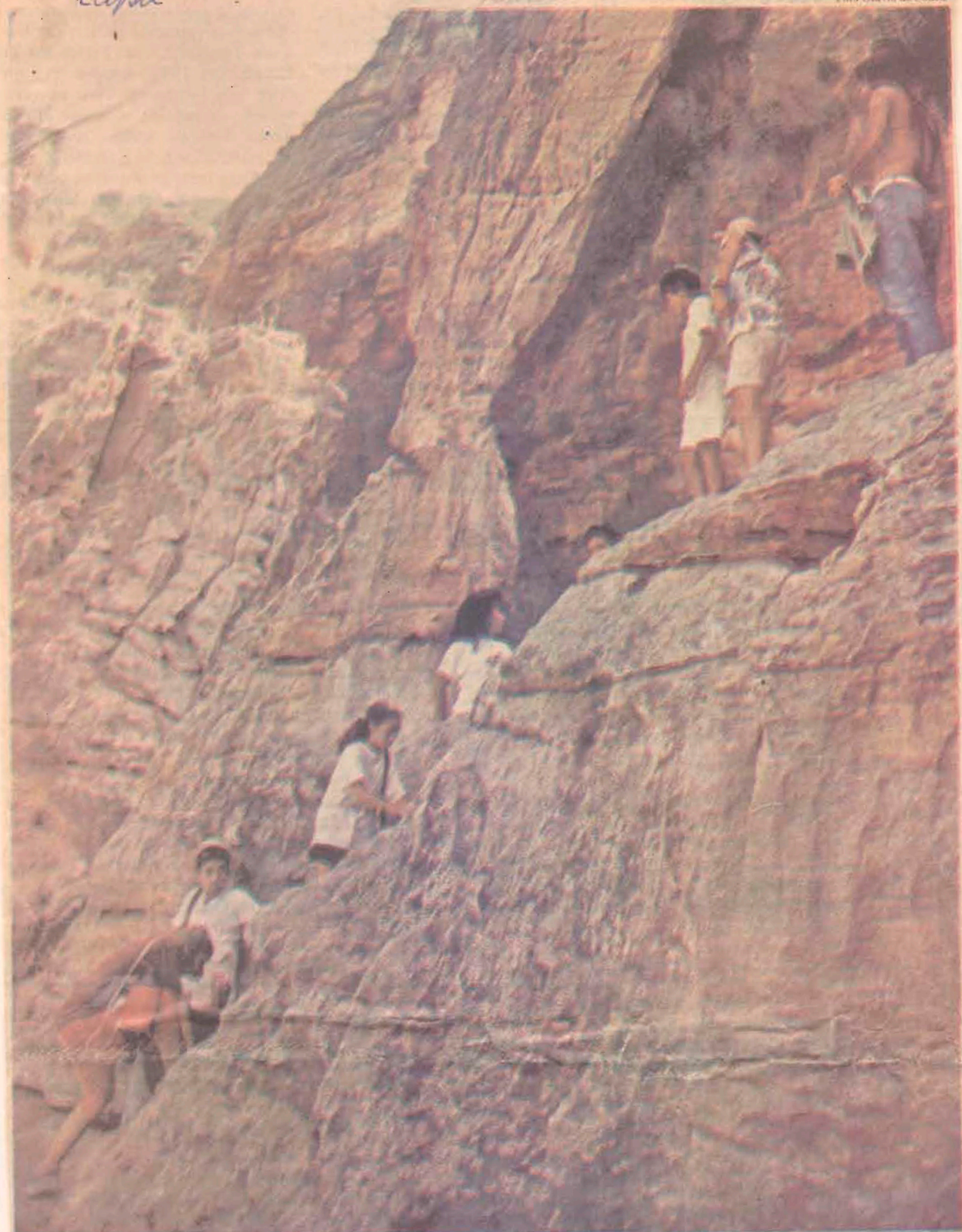


Diário de Pernambuco

capa

Diário de Pernambuco

Foto Otávio de Souza



Um grupo de expedicionários explora as rochas de Buíque, a 286 km do Recife. No local há vestígios de uma civilização com mais de seis mil anos de existência. Página B-4

Fotos Otávio de Souza



Arqueólogos da Universidade Federal de Pernambuco há 20 anos fazem estudos permanentes no local



A tradição local atribui a pintura das cavernas a fenícios, egípcios e até a extraterrenos

Buíque esconde mistérios de seis mil anos

Inscrições rupestres conferem ao local um misticismo que envolve leigos e especialistas

Verônica Falção
Enviada especial

Vestígios de uma civilização com mais de seis mil anos diferenciam Buíque, a 286 km do Recife, das outras cidades do Semi-árido pernambucano. Inscrições rupestres e cemitérios indígenas povoam silenciosamente as formações rochosas que emergem da caatinga, conferindo ao local um misticismo que envolve leigos e especialistas. Enquanto arqueólogos da UFPE garantem que o grupo era formado por caçadores do período Holocênico, a tradição oral atribui a pintura das cavernas a fenícios, egípcios e até extraterrenos. "que desciam do céu como urubus para pousar no topo do juazeiro".

Entre pesquisas e lendas, os 45 mil moradores de Buíque não sabem ao certo de onde veio e como desapareceu este povo. Para o coordenador do Laboratório de Arqueologia da UFPE, Marcos Albuquerque, não há nenhum mistério no local, considerado um dos sítios arqueológicos mais ricos do Estado. Há 20 anos ele estuda os cemitérios e inscrições de Catimbau — distrito de Buíque — e afirma que a história de lá é tão palpável quanto as ossadas que encontrou.

Atualmente dedicado aos sítios arqueológicos de Araripina, Marcos Albuquerque já resgatou cerca

de 10 esqueletos em Catimbau. Com 6,640 anos, um deles se encontra no Laboratório de Arqueologia, no 11º andar do Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Ele tinha aproximadamente 18 anos quando morreu e foi enterrado na posição fetal nas proximidades de uma caverna. Naquela época a expectativa de vida era inferior à atual. "Os grupos viviam em guerra e estavam expostos a mais intempéries", explica Marcos Albuquerque.

Carbono 14 — Adquirida através do teste com o Carbono 14, a precisão da idade das ossadas não pôde ser estendida às inscrições nos paredões de pedras. Mesmo assim, Marcos Albuquerque acredita na possibilidade da pintura rupestre ser contemporânea à civilização holocênica de Catimbau. A datação do pigmento é feita pelo processo de ativação de neutrons, diz Marcos Albuquerque, mas desta forma se chega a idade do material utilizado e não da pintura propriamente dita.

Estudos do Laboratório de Arqueologia indicam que as pinturas foram realizadas com pigmentos metálicos e ametais, misturados algumas vezes a corantes orgânicos, como urucum e jenipapo. Os temas não são muito variados e

mostram animais e homens isolados, sem representar necessariamente uma cena. "Há pinturas rupestres mais significativas em outros sítios arqueológicos do Nordeste", reconhece Marcos Albuquerque.

Apesar de muitas vezes não reproduzirem rituais religiosos ou de peças, as inscrições de Catimbau foram praticamente inexploradas pela equipe de arqueologia da UFPE. Considerando o material abundante, os pesquisadores, pretendem desenvolver novas campanhas (trabalho de campo) no local. Nos próximos meses, a professora Gabriela Martins deverá organizar um grupo para estudar apenas as pinturas rupestres, que em Catimbau se revelam em tons vermelhos e negros. Há ainda temas geométricos e sóis que parecem ser desenhados por punhos infantis. De acordo com Marcos Albuquerque, este tipo de arte se assemelha mesmo a desenhos de crianças.

Holocênica — O misticismo de Catimbau ultrapassa a realidade científica e chega a identificar extraterrenos nas pinturas rupestres do Sertão do Moxotó. Além das figuras humanas que parecem desenhadas por crianças, há seres intrigantes e incomuns nas inscrições de Catimbau. Um, deles, encontrado na Serra do Cobarço, tem pernas e braços longilíneos e bem torneados. Seus pés possuem apenas três dedos e a cabeça, de grande porte, apresenta apenas um olho na testa.

"Estes seres eram de outros planetas e desciam dos céus como urubus para pousar no topo dos juazeiros", conta Sebastião França, que ouviu a estória dos mais velhos. Segundo ele, eram os extraterrenos que inspiravam os nativos de Catimbau. Para Marcos Albuquerque os pés de apenas três dedos são uma representação comum às inscrições rupestres. "Provavelmente a falta de perspectiva levava a um desenho quase abstrato", esclarece.

Embora não fossem exímios desenhistas, os antigos habitantes de Catimbau certamente sabiam caçar. Os holocênicos eram uma civilização anterior ao desenvolvimento da agricultura e conheciam ainda o extrativismo. Em Catimbau, eles coletavam cocos de algumas palmeiras, como o ouricuri e jatobá, que até hoje alimentam o sertanejo. De acordo com pesquisas do Laboratório de Arqueologia, eles consumiam tam-

bém animais de pequeno porte. Tatus, veados e cutias eram alguns das caças preferidas.

Os holocênicos não produziam cerâmica e moravam em cavernas. Mudanças climáticas ocorridas há cerca de 11 mil anos marcam sua presença na Terra, quando houve o aquecimento do planeta. Eles antecederam os agricultores pré-históricos, que em Pernambuco foram identificados em grupos tupi-guarani da Zona da Mata e Litoral, datando aproximadamente mil anos.

Turismo é alternativa para geração de recursos

Com receita praticamente financiada pelo Fundo de Participação dos Municípios (FPM), Buíque tem no turismo uma das alternativas para a geração de recursos. Além das inscrições rupestres e a comunidade alternativa Vila Israel, a cidade oferece artesanato em cerâmica e palha produzido pelos cerca de 500 índios da tribo Capinauá, que vivem em reserva delimitada e reconhecida pela Funai. Os trabalhos são expostos aos sábados na feira do município, uma das mais organizadas e diversificadas do Semi-árido.

O clima frio também favorece o turismo em Buíque. Com altitude variando entre 700 e 1.200 metros, a serra dos Breus e do Catimbau são um atrativo local para a construção de campings e hotéis. Confiante nas potencialidades do local, o prefeito Arquimedes Valença (PDT) espera investimentos do setor turístico. "Mesmo com o turismo informal no princípio, o aumento da renda per capita dos buíquenses já será um progresso".

Totalizando 1.378 quilômetros quadrados, Buíque não possui indústria e 85% dos seus trabalhadores são pequenos agricultores e pecuaristas. A prefeitura não cobra impostos territoriais e a arrecada-

ção com o ICMS é praticamente inexistente. Para incentivar o turismo, Arquimedes Valença acredita na necessidade de construção e recuperação de estradas. "No governo anterior foram feitas obras em 130 km de extensão. Desta gestão não conseguimos nada", reclama.

Balneário — Se sobra beleza, falta água em Buíque. Mesmo assim, a Barragem Mulungu fornece para Arcoverde e Tupanatinga. Na caatinga, há córregos e rios secos e os nativos têm que andar quilômetros para chegar até uma fonte. Um dos poucos riachos do local foi transformado em balneário artificial — o Paraíso Selvagem. Pagando Cr\$ 1 mil, o visitante tem acesso a piscinas de concreto e pode seguir trilhas que dão em cavernas e redões com inscrições rupestres.

Também não há muitas opções de estada na cidade. Além das pensões e hospedarias, Buíque conta com uma única pousada, a de Nossa Senhora das Graças, das irmãs beneditinas. A diária de Cr\$ 3 mil dá direito ao banho e refeições regadas a novenas católicas. O ambiente é aconchegante e reflete a rusticidade de Buíque, o paraíso de pedras do sertão pernambucano.

"Meu Rei" é um misto de messias e curandeiro

Uma das pessoas que contribuem para o misticismo de Buíque é o ancião Cícero José de Farias, mais conhecido na região como "Seu" Israel ou "Meu Rei". Aos 109 anos, ele é um misto de messias e curandeiro, despertando a curiosidade de moradores e pessoas de outros Estados e países. Na Fazenda Porto Seguro, onde conseguiu reunir 36 famílias em torno de si, "Meu Rei" produz a água da vida, líquido ao qual são atribuídos dons milagrosos.

A Fazenda Porto Seguro está localizada no Sítio dos Breus, a 30 km do centro de Buíque. No centro do povoado está o Palácio de Deus, onde "seu" Israel reúne seus adeptos nas tardes de domingo. Lá eles tomam a água da vida e ouvem as pregações de "Meu Rei", acompanhados por leituras do Novo e Antigo Testamento. No Palácio de Deus funcionam ainda escola para adultos e crianças e cursos de corte e costura.

A professora Raquel de Farias, 23 anos, é um dos adeptos que deixou a vida urbana para se dedicar ao "Meu Rei". Assim como os outros seguidores, ela adotou a palavra Israel como último sobrenome e não como nenhum tipo de carne. Acredita nas leis de "seu" Israel e tem apenas uma reclamação de sua nova vida: "No Sítio dos Breus não aparecem muitas opções de casamento".

Raquel de Farias "Israel" tem 18 alunos de três a 18 anos. Nas aulas de alfabetização ela se esforça para reafirmar as leis de "Meu Rei". Instrumento de trabalho de segunda a sexta-feira, o quadro negro exibe frases prontas para serem copiadas pelos alunos. "Breus, serra onde Deus habita, berço de uma nova civilização" são algumas das palavras de ordem dos cadernos rabiscados.



Cícero José de Farias, com 109 anos, desperta muita curiosidade

Terceiro Milênio — Cícero José de Farias garante que é precursor de um povo que sobreviverá ao Apocalipse. Para guiar seus adeptos, ele afirma que vai viver mais de 800 anos, assim como Matuzalém. A longevidade, segundo "Meu Rei", é um dom dado por Deus, com quem costuma falar todas as noites. "É nessa ora que estou mais desocupado e posso me dedicar à concentração", explica "seu" Israel — com voz carismática e expressão semelhante a do beato Antônio Conselheiro, que arregimentou multidões para Canudos, no sertão baiano.

"Meu Rei" nasceu na Fazenda Riacho do Laje, em Altinho, no dia 13 de setembro de 1882. Batizado e crismado, ele chegou a ser kardecista e diz ter recebido sua missão de Deus em 1932. Vinte anos depois começou a cumprila. Garantindo que não vai morrer tão cedo — pois a missão é intransferível — "Meu Rei" acredita na existência de vida em outros plane-

tas. Um dos indícios, diz ele, são as inscrições nas formações rochosas de Buíque, as quais chama de hieroglifos.

Para garantir a formação do grupo que sobreviverá ao terceiro milênio, na Fazenda Porto Seguro os homens podem ter várias mulheres. Assim como a obrigatoriedade de contribuições equivalentes à metade do salário dos adeptos, a poligamia não é um assunto tão divulgado quanto as boas práticas da seita. Com a ambição pela eternidade, a promessa de viver para sempre é que atrai as pessoas ao Sítio dos Breus.

Animais — Além de adultos e crianças, "Meu Rei" prevê a sobrevivência de bois, bodes e algumas aves. Ao contrário do Dilúvio bíblico que inundou a terra, a catástrofe premunizada por ele engloba tremores de terra, quedas d'água pavorosas, avanço do mar sobre os continentes, fogo e o sol sete vezes mais claros que o normal. "Será uma mudança de pólos", explica.

Cidades do Interior são uma nova opção

Cansados do turismo convencional — restrito a praias e cidades do Agreste — os pernambucanos partem agora para as cidades do Semi-árido. Além de formações rochosas inexploradas, esta região é cheia de misticismo e lendas guardadas pela tradição oral dos sertanejos. Além de Triunfo, no Sertão do Pajeú, Buíque, no Sertão do Moxotó, é uma das cidades mais procuradas.

No último final de semana um grupo de expedicionários visitou a Serra do Catimbau, um dos quatro distritos de Buíque. A excursão foi organizada pelo Grupo Amigos do Celeiro, instituição vegetariana que se envereda pelo turismo ecológico. Guiados pelo aposentado Sebastião França, antigo morador da cidade, o grupo de 22 pessoas esteve nos locais onde se concentram as inscrições rupestres e cemitérios indígenas.

O calor e espinhaços da caatinga foram compensados pela beleza deixada pelo rastro dos grupos holocênicos, que viveram em Catimbau há cerca de 6 mil anos. O dentista Francisco Albuquerque, 32 anos, garante que voltará outras vezes ao local. "Conheço muitos lugares bonitos. Mas a beleza aqui não existe sozinha. Ela é somada ao misticismo. Nunca vi nada igual", explica. O esoterismo de Catimbau é completado pelo artesanato indígena e a comunidade alternativa Vila Israel, na Serra dos Breus. O povoado é passagem obrigatória para o turismo ambiental.



Sebastião é capaz de percorrer várias léguas sem ficar cansado

Aposentado pretende morrer na caatinga

Visto de longe Sebastião França Cavalcanti, 61 anos, parece um executivo perdido na caatinga, onde nasceu e pretende morrer. Com uma pasta abarrotada de papéis, ele é capaz de percorrer várias léguas sem derramar uma única gota de suor. Um pouco mais próximo, os estereótipos se desfazem e surge a figura de um sertanejo lendário, que conhece mistérios desprezados pelos arqueólogos da UFPE. "Tenho que reconhecer que ele conhece Buíque na palma da mão. Mas suas teorias são completamente infundadas", diz Marcos Albuquerque, coordenador do Laboratório de Arqueologia.

Sem embasamento científico e com o primário incompleto, Sebastião França se dedica ao estudo das inscrições rupestres e cemitérios indígenas há 27 anos. Seu esforço

e curiosidade o levaram para São Paulo, onde diz ter estudado hieroglifos semelhantes aos de Catimbau. "Sumérios, fenícios, maias, astecas e incas estiveram aqui", garante o estudioso, que copiou todos os registros encontrados. Comparando com hieroglifos criticos em livros de História, identificou vários traços semelhantes.

Coveiro — Sua vida profissional e trabalho de pesquisa se confundem. Com uma aposentadoria de Cr\$ 8 mil mensais, Sebastião França foi coveiro da Prefeitura de Buíque, ofício que aproveitou para trabalhar de campo. Nas serras onde costuma levar grupos de turistas e expedicionários, ele traça as indicações esotéricas de suas descobertas. São os terrenos, diz Sebastião, que morreram na maioria das vezes.